

FACILIDADES *VERSUS* PREJUÍZOS

GOLPES: CUIDADOS PARA SE PROTEGER

▶▶ Leia na página 8

NR-1 vai além da conformidade para se tornar o novo pilar da segurança jurídica

A atualização da norma redefine o gerenciamento de riscos e exige que gestores antecipem passivos trabalhistas por meio de uma governança mais robusta e estratégica

Empresários brasileiros começam a rever contratos, políticas internas e rotinas de gestão diante das atualizações da Norma Regulamentadora nº 1 (NR-1), que trata das diretrizes gerais de segurança e saúde no trabalho. As mudanças ampliam a exigência de gestão preventiva de riscos ocupacionais e aumentam a responsabilidade jurídica das empresas em relação à saúde física e mental dos trabalhadores, tema que tem recebido atenção crescente do Judiciário e dos órgãos de fiscalização.

Marcus Marques, especialista em gestão de pequenas e médias empresas e fundador do Grupo Acelerador, afirma que a mudança regulatória exige uma postura mais estratégica dos gestores. “Com as mudanças da NR-1, a responsabilidade jurídica das empresas deixa de ser apenas reativa e passa a exigir gestão preventiva. O empresário precisa se antecipar, porque o risco não está apenas na operação, mas também na forma como a empresa documenta e gerencia suas relações de trabalho”, diz.

O novo modelo de gerenciamento de riscos a NR-1 estabelece as disposições gerais de segurança e saúde no trabalho e determina que empresas adotem um modelo estruturado de gerenciamento de riscos ocupacionais. A norma consolidou o Programa de Gerenciamento de Riscos (PGR), que exige identificação de perigos, avaliação de impactos e implementação de medidas preventivas documentadas. Na prática, isso amplia o dever das organizações de monitorar não apenas riscos físicos presentes no ambiente laboral, mas também fatores organizacionais que possam afetar a saúde e a segurança dos trabalhadores.

Dados do Observatório de Segurança e Saúde no Trabalho, iniciativa do Ministério Público do Trabalho em parceria com a Organização Internacional do Trabalho, mostram que o Brasil registrou mais de 612 mil acidentes de trabalho em 2023, ano base das estatísticas oficiais mais recentes. O volume de ocorrências mantém a



Marcus Marques

“A responsabilidade jurídica das empresas deixa de ser apenas reativa e passa a exigir gestão preventiva.”

pressão por políticas de prevenção e gestão mais estruturada dentro das empresas.

A linha de defesa contra o passivo trabalhista O avanço da judicialização das relações de trabalho também contribui para o alerta. Levantamento do Conselho Nacional de Justiça aponta que a Justiça do Trabalho recebe milhões de novos processos todos os anos, o que mantém o tema da responsabilidade empresarial no centro das discussões jurídicas.

Para Marques, parte desse contencioso nasce da falta de prevenção e de formalização adequada das relações dentro das empresas. “Muitos empresários ainda tratam contratos, políticas internas e normas de segurança como burocracia. Na prática, esses documentos são a linha de defesa jurídica da empresa. Quando a estrutura é frágil, o risco de passivo trabalhista aumenta”, afirma.

O especialista explica que as mudanças trazidas pela NR-1 exigem três movimentos principais dentro das empresas: compreender o que muda na legislação, adaptar processos internos e adotar práticas que reduzam contingências jurídicas.

Adaptação e governança na prática

Entre as principais mudanças está a exigência de gestão estruturada de riscos ocupacionais, com registros formais e monitoramento contínuo. Isso significa que empresas precisam mapear riscos, definir responsáveis, estabelecer protocolos de prevenção e manter documentação atualizada.

A adaptação passa pela revisão de contratos de trabalho, políticas internas, programas de saúde ocupacional e fluxos de gestão de pessoas. Segundo Marques, muitas empresas ainda operam com documentos genéricos ou desatualizados, o que aumenta a vulnerabilidade jurídica em caso de fiscalização ou litígio. “A empresa precisa alinhar contrato, cultura e rotina operacional. Quando a norma existe apenas no papel, o risco jurídico permanece”, afirma.

O papel das lideranças e a sustentabilidade do negócio

Ele também destaca que práticas simples de governança ajudam a reduzir contingências trabalhistas. Entre elas estão o registro adequado de jornadas e atividades, a formalização de responsabilidades internas, a implementação efetiva do Programa de Gerenciamento de Riscos e o acompanhamento periódico das condições de trabalho.

Outro ponto relevante é a capacitação das lideranças. “Grande parte dos conflitos trabalhistas nasce na gestão direta das equipes. Quando líderes entendem suas responsabilidades legais e operacionais, a empresa reduz significativamente a exposição a passivos”, diz.

Na visão de Marques, pequenas e médias empresas precisam abandonar a visão de que compliance e estrutura jurídica são preocupações exclusivas de grandes corporações. “Empresas que crescem sem estrutura acumulam risco. Governança, contratos bem definidos e gestão preventiva são fatores que protegem o negócio e garantem sustentabilidade no longo prazo.”

A tendência é que o ambiente regulatório continue exigindo maior profissionalização da gestão empresarial. Normas relacionadas à saúde ocupacional, segurança do trabalho e bem-estar organizacional devem ganhar ainda mais relevância nos próximos anos, acompanhando a ampliação da fiscalização e da judicialização das relações de trabalho.

Negócios em Pauta

Al/Banda CO2 Zero



O show educativo da Banda CO2 Zero que pedala para gerar a energia do palco

Quando Pedro Momezo, monitor de esportes do Sesc Santo André, decidiu com sua equipe encerrar o Projeto Sesc Verão 2026 com uma feira de ciclismo, ele já tinha em mente que a parte artística do evento — realizado no primeiro fim de semana de fevereiro — poderia ter a presença da Banda CO2 Zero, uma banda brasileira que realiza shows sustentáveis utilizando bicicletas para gerar energia elétrica a partir da pedalada do público. A iniciativa do Pedal Sustentável une música, tecnologia e conscientização ambiental em uma experiência interativa. “Ela casa bem com a proposta da Feira de Ciclismo, de ter uma banda tocando músicas gostosas de ouvir, de dançar se for o caso, mas em que o público pudesse se exercitar, usando a força do pedal para produzir energia para os instrumentos musicais. O fato de ser sustentável ajudou muito”, explica Momezo. ▶▶ Leia a coluna completa na página 3

News@TI



Eitri leva nova geração de app commerce SaaS ao VTEX Day 2026

A Eitri participa pela terceira vez do VTEX Day 2026, que ocorre nos dias 16 e 17 de abril, no São Paulo Expo, em São Paulo. A empresa aposta em uma abordagem que busca redefinir a maneira como aplicativos impactam performance, engajamento e resultados no e-commerce, em um setor que, segundo a companhia, evoluiu pouco desde sua consolidação, por volta de 2017. “Estamos prontos para mostrar ao mercado uma nova geração de app commerce. É uma mudança relevante na forma como os aplicativos entregam performance e resultados, com ganhos reais para o negócio”, afirma Vinícius Nastro, CRO da Eitri. Durante os dois dias de evento, a empresa contará com um estande próprio, onde realizará demonstrações práticas e apresentará cases reais de clientes. A ideia é evidenciar, na prática, como o modelo atual de app commerce evoluiu com a proposta da Eitri, trazendo ganhos concretos para operações digitais (<https://vtexday.vtex.com/>). ▶▶ Leia a coluna completa na página 2

Geopolítica do afeto – uma nova ordem mundial?

Lá se foram décadas e décadas de um mundo curvado à cultura dos EUA. E isso não é coincidência ou consagração. Isso foi uma estratégia bem pensada e executada: o Soft Power. ▶▶

Reorganização é a inovação que sua empresa está procurando

Até pouco tempo atrás, e para algumas empresas até hoje, falar sobre inovação era o mesmo que falar sobre tecnologias revolucionárias ou um novo produto ou ideia que mudaria completamente um mercado. ▶▶

Mercados autônomos entram na fase da maturidade no Brasil

Com milhares de pontos em operação, o setor descobre que escalar exige dados, automação e inteligência artificial no centro da estratégia. ▶▶

Sete dicas para utilizar Geotargeting Ads no planejamento de mídia

A publicidade digital evoluiu significativamente nos últimos anos, e uma das estratégias que mais ganhou relevância nesse cenário é o geotargeting: a segmentação de anúncios com base na localização geográfica do usuário. Essa tecnologia permite impactar pessoas no momento e no lugar certo, tornando as campanhas mais eficientes e relevantes. ▶▶

Para informações sobre o

MERCADO FINANCEIRO

faça a leitura do QR Code com seu celular



Literatura

Livros em Revista

Por Ralph Peter



▶▶ Leia na página 4